

## **Movimento sindical tem desafio de unir trabalhadores em momento de fragmentação**

### **Sociologia**

Enviado por: lenawb@seed.pr.gov.br

Postado em:04/05/2009

Sociólogos analisam o movimento sindical em seu desafio de unir trabalhadores em momento de fragmentação devido a crise econômica Saiba mais...

Movimento sindical tem desafio de unir trabalhadores em momento de fragmentação 30/04/2009  
Renato Godoy de Toledo, da Redação O conjunto dos trabalhadores vive um conflito interno permanente, sobretudo em momentos de agravamento de sua situação econômica e social. Enquanto a condição de igualdade entre os trabalhadores os une em prol de um objetivo comum e contra um adversário &ndash; o patronato &ndash;; a dinâmica competitiva do capitalismo os coloca como oponentes na luta por um posto de trabalho ou por um cargo melhor dentro da empresa. Disso, pode ser dito que a tarefa das organizações de trabalhadores comprometidas com a transformação social tem sido fortalecer a tendência à associação, em detrimento da competição. Para Ruy Braga, sociólogo da USP, essa contradição no seio da classe trabalhadora é inerente à sua própria constituição histórica. &ldquo;Ela faz parte da classe, que é pressionada por duas tendências. Primeiro, a exploração do trabalho, que produz a associação e faz com que os trabalhadores se reconheçam como aliados. Por outro lado, ela é fragmentada pelo mercado de trabalho. Então, ela vive nessa contradição entre associação e competição. Isso é uma constatação sociológica que independe da análise política&rdquo;; constata. Desafios Diante dessa realidade, Braga aponta que as direções operárias têm o desafio de promover a associação num momento de fragmentação. &ldquo;O grande enigma é como fazer com que as tendências de fragmentação sejam superadas pela associação. No caso brasileiro, nos últimos anos, o que ocorreu foi a tendência para a fragmentação. Houve uma atomização dos trabalhadores e uma desarticulação. E essa tendência não foi revertida no governo Lula, apesar de ter havido uma maior formalização&rdquo;; analisa. O sociólogo Mauro Iasi ressalta o fato de o individualismo ter aumentado com a implementação da reestruturação produtiva. Como exemplo de associativismo, Iasi cita o momento de ascensão do movimento operário no final da década 1970 que deu origem ao chamado Novo Sindicalismo. &ldquo;Em períodos normais de funcionamento do capitalismo, os trabalhadores se veem como indivíduos concorrendo por um lugar na divisão do trabalho. A chamada reestruturação produtiva acirrou essa disputa. No enfrentamento contra o capital, os trabalhadores podem encontrar um ponto de fusão de classe e se enxergar como uma classe além dos interesses imediatos e individuais. Vimos isso na época do fim da ditadura militar no qual a fusão se deu contra o arrocho salarial e a própria forma autoritária do governo, produzindo uma unidade da classe&rdquo;; relembra. Medidas Para Iasi, a forma de combater a atomização dos trabalhadores parte da postura que os seus dirigentes devem adotar diante das soluções propostas pelos empresários. &ldquo;O primeiro passo é recusar a tese do pacto social e buscar uma ação que preze a independência e a autonomia de classe. A classe trabalhadora não age movida por qualquer essência reformista ou revolucionária, mas, em grande parte, é moldada pela ação das organizações e direções que atuam em cada momento histórico&rdquo;; ratifica. Apesar do cenário de atomização visto no mundo do trabalho, Iasi sustenta que há condições propícias para tomar medidas mais incisivas. &ldquo;Existe uma base material para retomar as lutas e enfrentamentos

que resgatariam a independência de classe e permitiriam um salto na consciência de classe, hoje pulverizada em interesses pessoais e hegemônica por uma visão marcada pelo entendimento e aliança com a burguesia”, acredita. fonte:www.brasildefato.com.br